

“FAMÍLIA DE BAIXA RENDA NA ZONA SUL DE TERESINA: composição, trabalho e dinâmicas familiares”

Caroline Maria Leal (Bolsita do PIBIC/CNPq), Solange Maria Teixeira ((Orientadora Depto. de Serviço Social – UFPI)

Este trabalho é resultado da experiência adquirida através do projeto de pesquisa PIBIC/CNPq, no período de Agosto de 2010 até Agosto deste ano. O estudo centralizou-se nas discussões sobre os arranjos e dinâmicas familiares mediadas pela categoria trabalho, em especial o trabalho extradoméstico e doméstico da mulher, elemento importante na configuração das mudanças nas relações de gênero e gerações no interior das famílias, em particular nas famílias de baixa renda. Sendo assim, o nosso objetivo é verificar como se constitui esse fenômeno da inserção das mulheres no mercado de trabalho (formal ou informal) verificando se este vem produzindo alterações substantivas nas dinâmicas familiares, em especial, o seu impacto nos orçamentos, nas relações familiares e na divisão sexual do trabalho, dentro do contexto das famílias de baixa renda da zona sul de Teresina, mais especificamente, da Vila Irmã Dulce, Bairro Promorar e Loteamento Sete Estrelas- Angelim. Para alcançar estes objetivos a metodologia adotada é a quantitativa, embora com critérios de intencionalidade na escolha da amostragem. Nessa perspectiva, o instrumento de coleta de dados foi, prioritariamente, o questionário, e este teve uma estrutura de perguntas fechadas, com o intuito de captar opiniões, valores e dinâmicas sociais familiares. A amostragem é não probabilística, do tipo intencional, por isso utilizamos como critérios de escolha das entrevistadas: mulheres casadas divididas entre as que trabalham fora de casa e as que apenas trabalham no espaço doméstico, com o objetivo de comparar as dinâmicas familiares, verificar as relações de gênero, a divisão sexual do trabalho, o poder decisão das mulheres, dentre outras variáveis. Dos 20 questionários aplicados pode-se destacar a presença de algumas mudanças indicadas pela literatura por quais as famílias vêm passando como: queda no número de filhos, redução do número de casamentos formais e aumento das uniões estáveis, diminuição do tipo de família nuclear tradicional burguesa (pai, mãe e filhos), maior inserção das mulheres no trabalho assalariado, dentre outras. Observamos também que as famílias que possuem mulheres ativas têm rendimentos mais elevados do que as famílias com mulheres inativas, portanto, o trabalho feminino é um antídoto contra a pobreza da família, quando o assunto é a tendência da redução do tamanho das estruturas familiares, fato tão propalado nos estudos realizados por SORJ; FONTES; MACHADO (2007), Teresina foge um pouco dessa perspectiva, o modelo onde se tem presença de agregados ainda têm forte expressão. Outro fator de mudança na família é a chefia feminina dos domicílios quebrando com os históricos valores tradicionais e padrões patriarcais onde os homens mandavam e as mulheres obedeciam, na zona sul de Teresina esse fenômeno aparece timidamente, a pesquisa mostra que 70% das famílias ainda são chefiadas por homens, 20% apresentam chefia compartilhada entre os cônjuges e apenas 10% são chefiadas por mulheres, o que indica a força simbólica que os padrões patriarcais ainda têm em pleno século XXI. Ao dividir o grupo total da pesquisa em subgrupos percebemos um fenômeno interessante, o Subgrupo 1 (famílias com mulheres inseridas no trabalho doméstico e extradoméstico) possui a metade das famílias chefiadas por

homens, 40% apresentam chefia compartilhada e 10% são chefiadas por mulheres, já o Subgrupo 2 (famílias com mulheres inseridas apenas no âmbito doméstico) apresenta a maioria absoluta (90%) das famílias chefiadas por homens e apenas 10% chefiadas por mulheres, o que indica a importância do trabalho remunerado feminino nas alterações das dinâmicas familiares em direção a uma relação mais igualitária entre os gêneros, outro aspecto que verificamos nesta direção é que as mulheres do Subgrupo 1 tem mais poder de tomada de decisões na família. Também verificamos o aumento do nível de escolaridade das cônjuges, principalmente daquelas inseridas no mercado de trabalho profissional, no entanto, ainda persiste um baixo grau de instrução nos dois subgrupos fator que indubitavelmente aumenta os efeitos negativos e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. A literatura em geral tem apontado que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho tem se dado principalmente em formas marginais de contratação e em jornadas de trabalho em tempo parcial, encontramos correspondência deste fato na realidade teresinense 90% das mulheres entrevistadas que estavam inseridas em alguma atividade produtiva não tinham carteira assinada, sendo que apenas uma trabalhava em tempo integral, 40% trabalhavam seis horas por dia, 30% trabalhavam meio período e o restante variava de 7 a 9 horas por dia, dificultando assim a obtenção da tão sonhada independência financeira. Quando o assunto são as modificações que o trabalho remunerado feminino tem proporcionado em direção as alterações nas relações de gênero percebemos pequenas variações a verdade é que ainda existe uma forte rigidez na delimitação de papéis de homens e de mulheres, neste estudo observou-se uma pequena e seletiva participação dos homens nas atividades domésticas, a situação é um pouco mais favorável para os cônjuges de mulheres que exercem alguma atividade remunerada, onde estes se restringem a realizar tarefas tipicamente masculinas (pequenos consertos de manutenção da casa, pagar contas/ir ao banco), outra versão dessa questão é a maior participação masculina no cuidado com os filhos, representando assim a relevância destes na família, realidade esta que não se difere do restante do país. Assim percebemos que apesar de lentas, as modificações no âmbito doméstico vêm se processando de modo a indicar o enfraquecimento da estrutura hierárquica da sociedade e da família, caminhando em direção as relações de gênero menos machistas, porém ainda longe de relações horizontais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Trabalho. Família. REFERENCIAS: ALENCAR, M. M. T. Família, Trabalho e Reprodução Social: Limites na Realidade Brasileira. In: *Famílias & Famílias: Práticas Sociais e Conversações Contemporâneas*. Orgs.: DUARTE, M. J. O.; ALENCAR, M. M. T. Editora Lúmen Júris, RJ: 2010. ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Org.: Clara Araújo e Celi Scalon, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005. BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.4, 2006. Número Especial. _____; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: BRUSCHINI, ET AL. *Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro, FGV, 2008. BORGES, A. Reestruturação Produtiva, Família e Cuidado:

Desafios para as Políticas Sociais. In: *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. Orgs.: BORGES, A.; CASTRO, M. G. Paulinas: São Paulo, 1ª Ed., 2007. CAMPOS, M. S.; TEIXEIRA, S. M. Gênero, família e proteção social: as desigualdades fomentadas pela política social. *Revista Katálysis*, v.13, n.1. Florianópolis, 2010. CRUZ, M. H. S. Questões sobre cidadania, trabalho e gênero. In: *Cadernos UFS- Serviço Social*, v.10. Aracajú: Ed. UFS, 2008. FISCHER, I. R.; MARQUES, F. *Gênero e exclusão social*. 2001. Disponível em: www.fundaj.gov.br. Acesso em: 05/11/2010. FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Mulheres, trabalho e família. Disponível em: <www.fcc.org.br>. Acesso em: 20/10/10. FRANÇA, A. L de; SCHIMANSKI, E. Mulher, trabalho e família: uma *análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar*. *Revista Emancipação*, 9 (1), p.65-78, Ponta Grossa, 2009. GAMA, A. S. "Entre o Trabalho e a Família"- Contradições das Respostas Públicas às Reconfigurações da Divisão Sexual do Trabalho. In: *Famílias & Famílias: Práticas Sociais e Conversações Contemporâneas*. Orgs.: DUARTE, M. J. O.; ALENCAR, M. M. T. Editora Lúmen Júris, RJ: 2010. GARCÍA, B.; OLIVEIRA, O. de. Trabajo extradoméstico y relaciones de género: una nueva mirada. In: *Gênero, famílias y trabajo: rupturas y continuidades: desafios para La investigación política/Compilado por Maria Alicia Gutiérrez*, 1ª Ed, Buenos Aires: Conejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2007. HIRATA, H.; KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: BRUSCHINI, ET AL. *Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro, FGV, 2008. LAVINAS, L.; NICOLL, M. Atividade e Vulnerabilidade: quais os arranjos familiares em risco?. In: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.49, n.1, p. 67 a 97, 2006. MEULDERS, D.; PLASMAN, R.; et al. Trabalho e Maternidade na Europa, Condições de Trabalho e Políticas Públicas. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n. 132, p. 611-640, set./dez. 2007. NOGUEIRA, C. M. O trabalho feminino e as desigualdades no mundo produtivo do Brasil. In: YASBEK, M. C.; SILVA, M. O. da S. *Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2 ed.; São Luis, MA: FAPEMA, 2008. PINHEIRO, L.; GALIZA, M.; FONTOURA, N. Novos Arranjos Familiares, Velhas Convenções Sociais de Gênero: a licença-parental como política pública para lidar com essas tensões. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Editora Copyright, v.17, p.851-859, set./dez. 2009. SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e Práticas de Conciliação Entre Família e Trabalho no Brasil. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n. 132, p. 573-594, set./dez. 2007. SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007. SINGLY, F. de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

